

Reflexões sobre o trabalho com clicker

1ª Parte



O trabalho com clicker é uma área realmente muito interessante. Existe uma extensa teoria por trás, com muitas nuances a ter em conta e certas incongruências que ainda se encontram em discussão. Mas, como método é indubitavelmente um grande método de ensino animal.

Então, qual é o problema? Os principais problemas do trabalho com clicker são derivados do seu uso de forma errada.

Não é um comando à distância

Há pessoas que usam o clicker como se se tratasse de um comando à distância, clicando para que o cão faça algo, ou para que se aproxime de si, ou que cliquem vezes sem conta sem sentido, sem coerência e sem critério. Está a gerar no cão uma situação de frustração e bloqueio da aprendizagem, podendo derivar em problemas de comportamento obsessivos e, até mesmo, estereotípias.

É fixe

Muitos treinadores e tutores ligam-se ao movimento do adestramento com clicker porque é moda. O merchandising que existe à volta desta ferramenta é impressionante. Gorros, t-shirts, clickers de várias cores, com tons distintos, com target, de lâmina, de botão, etc.

Há que dizer que não só foi desenvolvido um bom método de adestramento, mas que o marketing que gira à volta dele também é impressionante.

Não é simples e não é um brinquedo

O clicker é muito simples de usar, para o accionar basta carregar numa pequena lâmina metálica que se encontra no interior da caixa e esta produz de imediato um som característico e divertido.



O método de adestramento não se resume unicamente ao clicker, mas a um processo elaborado e estruturado de ensino. Requer meses, ou até mesmo anos, de estudo para o entender e usar correctamente.

O método de trabalho com clicker é conhecido há já alguns anos. O Sr. Skinner estudou a análise experimental do comportamento, centrando-se na aprendizagem que explica a conduta voluntária do organismo na sua relação com o meio ambiente, baseado num método experimental. Antes de ser aplicado no mundo do adestramento canino, foi usado no ensino de mamíferos marinhos, sendo considerado um sistema de trabalho extremamente útil.

No trabalho com clicker deve ter-se em conta o seguinte:

- Tipos de reforço e correcta contingência, portanto um bom timing;
- Deve-se conhecer as fases de trabalho (aquisição, generalização, discriminação, extinção, recuperação espontânea);
- Definir correctamente o programa de reforços (razão porque se clica e intervalos fixo e variável), etc.

Portanto, é uma forma de trabalho muito metódica, deve estruturar-se muito bem o trabalho a realizar e ter experiência suficiente para o executar correctamente.

Não é mágico

Há quem promova o clicker como uma ferramenta mágica, inclusivamente aconselham que “na dúvida clique”. Pergunta-se, que comportamento estão a fixar? Por muitos sons, cores, odores e luzes que tenha o clicker, este não se irá ligar a nenhum chip interno do cão que, como por magia, o faça portar-se bem ou aprender um exercício concreto.

Gera stress

O trabalho com clicker está associado à teoria do Condicionamento Operante. Durante o processo de aprendizagem do cão, produzem-se vários momentos importantes com picos de stress.

Independentemente do método de trabalho utilizado, o stress que o animal sofre é inevitável, portanto, é importante conhecer de que forma pode ser minimizado.



É um sistema binário

O trabalho com clicker pode equiparar-se ao processo informático chamado “sistema binário”. Este sistema só tem em conta o 0 e o 1. Equivalente a aceso (1) e apagado (0).

O sistema binário, base da informática actual, um informático deve conhecê-lo e entendê-lo, mas muito poucos trabalham neste sistema por ser demasiado básico, e trabalham em sistemas de programação mais avançados, apesar de no final do caminho haja sempre um sistema binário de zeros e uns.

Não quero com isto dizer que o método de trabalho com clicker seja exactamente o mesmo, mas também se trata de um sistema binário. Ao trabalhar unicamente dentro deste sistema, estamos a esquecer-nos que as capacidades do nosso cão são enormes e que temos uma história de 15 000 anos de colaboração mútua. A relação entre cães e homens é muito antiga. Os cães aprenderam a entender-nos, a “ler” a nossa linguagem corporal e a “ler” os nossos olhos.

Claro que tudo são reforços, exactamente como todos os programas informáticos são, no fundo, zeros e uns, mas reduzir todo o nosso trabalho a um só método, apesar de ser um grande método deixa muita “tinta no tinteiro”, e no campo da modificação comportamental, por exemplo, não é mesmo suficiente.

Continua...

Sílvia Pereira